



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13637 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

EDUCAÇÃO ‘TRANSNARRATIVA’: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO ESCOLAR DE PESSOAS TRANS

Mikelly Simões Neponuceno - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

## EDUCAÇÃO ‘TRANSNARRATIVA’: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO ESCOLAR DE PESSOAS TRANS

### Resumo

Toda a complexidade que envolve a educação, em especial as questões de gênero e sexualidade, se mostra desafiadora. A desordem instaurada no contexto político do país, o conservadorismo atinge a escola, que configura como um espaço onde surgem conflitos por conta das diferenças, principalmente daquelas advindas das “minorias sexuais”. Entender os desafios enfrentados por pessoas trans nas escolas, que como acompanhamos através de várias mídias têm suas vidas violentadas, constitui-se como provocação a nós. Perguntamos: até que ponto a educação atende às necessidades dessa população? É possível a construção de uma abordagem educativa que respeite as pessoas trans na escola? Por que não promover discussões sobre a temática? O método de pesquisa narrativo possibilita a produção de ‘conhecimentossignificações’ <sup>[1]</sup> partindo das vivências. As narrativas de pessoas trans que ‘praticampensam’ os cotidianos escolares serão o norteador para tentarmos alcançar os objetivos iniciais desta pesquisa, ainda em andamento.

**Palavras-chave:** Cotidiano escolar; pesquisa narrativa; pessoas trans.

### Introdução

Esta pesquisa visa entender os desafios enfrentados por pessoas trans nos cotidianos escolares e os impasses de se ‘praticarpensar’ uma educação que considere esta população. Ao mesmo tempo em que o caos presente no contexto político do país nos últimos anos

trouxe à tona ideais extremistas, fortificou-se também o acesso ao conhecimento proveniente das “minorias sexuais”, o que possibilita uma abertura a discussões sobre as estruturas do sistema que sempre as desumanizou. Uma delas é a escola. Segundo Louro (2020, p. 27):

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora, as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões. Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido.

Os desafios “do novo” desestruturam as normas impostas nas práticas educativas e nas relações construídas na escola, colaborando na ocupação de pessoas LGBTQIA+ nos ‘*espaçostempos*’ de produção de conhecimento.

Ressalta-se ainda o fato de que leis que amparam este público foram criadas. Entretanto, existe uma dificuldade de aplicá-las com rigorosidade em favor dele. Como exemplo de tal dicotomia, podemos citar os “Princípios de Yogyakarta”, que se refere “aos direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero” (CEDEC, 2021, p. 21), e que a respeito da educação, afirma que os Estados deverão: “Tomar todas as medidas legislativas, administrativas e outras (...) para assegurar o acesso igual à educação e tratamento igual dos/das estudantes, funcionários/as e professores/as no sistema educacional, sem discriminação por motivo de orientação sexual ou identidade de gênero.” (YOGYAKARTA, 2007, p. 23).

Superar essa dicotomia se configura como ação educativa. Erika Hilton afirma que “só haverá democracia e justiça social quando todas, todos e todes tiverem igualdade de acessos e direitos. E, para isso, é necessário conhecer as necessidades da população e seus diversos grupos sociais” (CEDEC, 2021, p. 12). Com isso, os objetivos dessa pesquisa são propor reflexões acerca das vivências de pessoas trans ‘*nosdoscom*’ cotidianos das escolas participantes, entender seu contexto socioeconômico e narrar os desafios enfrentados por elas.

O primeiro passo é entender os conceitos de gênero e sexualidade, que surgem, segundo Miskolci, a partir do século XVII, marcados “por formas de controle que se utilizaram do foco no corpo feminino, o incentivo à formação de casais reprodutivos estáveis, [e] a patologização das outras formas de expressão da sexualidade” (MISKOLCI, 2014, p. 92).

A teoria *queer* surge na década de 60 como um impulso crítico em relação à ordem sexual estabelecida, associado a movimentos de contracultura e às demandas dos movimentos sociais até então considerados “novos” (MISKOLCI, 2017). Mesmo que a teoria *queer* promova uma ocupação de pessoas trans em diferentes espaços, Bento (1998, p. 175) afirma

que “são múltiplas as violências cometidas contra as pessoas transexuais” e que acontecem na escola que “se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença pluralidade (e) funciona como uma das principais guardiãs das normas de gênero” (BENTO, 1998, p. 165). Entende que a escola não é uma ilha (BENTO, 1998) e mesmo sendo um local que reproduz normas que excluem certos grupos, ao mesmo tempo se institui como lugar de possibilidades que pode gerar transformações positivas.

## **Metodologia**

A pesquisa tem como interlocutoras/es pessoas trans que estão cursando o 3º ano do Ensino Médio e/ou a modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos em escolas localizadas em Manaus (AM) e caracteriza-se como uma investigação narrativa, que incide, segundo Paiva (2008, p. 03), “como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno”. Segundo Santos, Foraux e Oliveira (2019, p. 39), “a história de uma pessoa é construída e reconstruída através das relações que se estabelecem com as outras pessoas e com o ambiente em que se vive”.

As narrativas serão analisadas para compreender as vivências das pessoas trans ‘*nosdoscom*’ os cotidianos escolares e trará outros questionamentos no desenvolver da pesquisa que, de acordo com Sahagoff (2015, p. 04), “(...) passará por mudanças e transformações, negociando e reavaliando com flexibilidade o que está sempre em transformação (sujeitos da pesquisa)”.

## **Resultados parciais e discussão**

Ainda que a pesquisa esteja em sua etapa inicial, cabe apresentar a relevância de alguns desafios que podem vir a acontecer durante o desenvolvimento desta. Houve certa preocupação com a quantidade de participantes. A intenção não é, necessariamente, buscar o maior número de jovens ou adultos trans, mas aprofundar qualitativamente na produção destas narrativas para compreender as vivências cotidianas das pessoas trans. Não temos como preocupação de produzir uma pesquisa que se pretende mostrar como todas as pessoas trans vivenciam seus cotidianos escolares, mas a partir das vivências de nossas/os interlocutoras/es compreender limites e possibilidades vivenciadas por esta população. Uma das questões éticas que temos nos preocupado e pensando em como enfrentar passa pela necessidade do consentimento de pais ou responsáveis na participação de estudantes menores de idade, já que a maior parte da população trans, com exceção de pouquíssimos casos, não tem o suporte ou apoio familiar. Outro desafio diz respeito a possíveis dificuldades relacionadas às questões conservadoras que perpassam o ambiente escolar, por conta de dificuldade em abrir espaços formativos que tratam sobre questões de gênero e sexualidade

sem ser o local da sala de aula.

### Considerações finais

Reitera-se que essa pesquisa parte de diálogos e partilha de experiências com estudantes que vivenciam, cada um à sua maneira, o processo de transição. A tentativa de alcançar os objetivos propostos com a pesquisa reforça o quão importante é olhar para esta população e acreditar, todo dia, “em um papel transformador da Educação para a construção de uma sociedade mais justa, em que as instituições de ensino estejam livres da transfobia e sejam ambientes menos hostis à presença das pessoas trans” (OLIVEIRA, 2018, p. 120).

### Referências

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008;

CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. **Transver o mundo: existências e (re) existências de travestis e pessoas trans no 1º mapeamento das pessoas trans no município de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2021;

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020;

MISKOLCI, Richard. **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2014;

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2020;

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro Oliveira. Micropolíticas de exclusão: as dificuldades no acesso e permanência das pessoas trans na educação. *Rev. Sociologias Plurais*, Paraná, v. 4, número especial 3, p. 103-121, nov. 2018;

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, Minas Gerais, v. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=p.t>. Acesso em: 26/12/2022;

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *In: XI SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – SEPesq*, 2015, Porto Alegre;

SANTOS, Márcio de Souza; FOURAUX, Carolina Gonçalves da Silva; OLIVEIRA, Valéria Marques de. Narrativa como modo de pesquisa. *Rev. Valore*, Volta Redonda, n. 5, ed. especial, p. 37-51, 2019;

YOGYARKATA: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. 2007. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf). Acesso em: 26/12/2022.

---

[1] É comum às/aos pesquisadoras/es do campo dos estudos com os cotidianos criar neologismos, com a união de palavras, quando não encontramos no nosso vocabulário uma palavra que expresse o que queremos dizer, na tentativa de superar dicotomias. Estas palavras estão grafadas em itálico e entre aspas simples.